

SOBRE CORTES E CORTEJOS: PROPOSTA DE UMA RECONSTITUIÇÃO PARTICIPATIVA DO LUGAR DA MULHER NO CLUBE FICA AHI

MILENA MENDIONDO DA ROSA¹; ROSANE APARECIDA RUBERT²

¹Departamento de Antropologia e Arqueologia (UFPEL) – milenamendrosa@gmail.com

²Departamento de Antropologia e Arqueologia (UFPEL) – rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as ações do projeto de extensão “Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do ativismo negro pelotense”, sob a coordenação da Profa. Rosane Rubert, do Departamento de Antropologia e Arqueologia (ICH/UFPEL); também pretende, principalmente, apresentar uma ação do projeto que está em fase de planejamento.

O projeto atual é uma continuidade de um projeto anterior, denominado “Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro-brasileira”, desenvolvido entre os anos de 2010 e 2016; assim, tem por finalidade prosseguir com a assessoria ao Clube *Fica Ahi*, por meio do desenvolvimento de ações que possam assegurar a salvaguarda do seu acervo documental; do alargamento da sistematização da memória do Clube; do auxílio e acompanhamento relacionados à elaboração e encaminhamento de projetos para agências de financiamento, visando criar infraestrutura para o pleno funcionamento de um Centro de Cultura Afro-brasileira; da realização de atividades culturais e acadêmicas diversas, com o intuito de divulgar a trajetória e significado do Clube para a sociedade regional, especialmente, a comunidade negra.

Fundado em 1921, inicialmente como um cordão carnavalesco, o *Fica Ahi* assumiu o estatuto de “clube” no ano de 1953, e permanece em atividade até hoje. Seus sócios eram o que se poderia chamar, dentro da comunidade negra, de elite negra; assim, o clube exigia padrões de comportamento para os associados similares aos dos clubes de classe média da cidade. Relata-se que era extremamente rigoroso com a moral dos associados, tanto dentro quanto fora da sua sede, principalmente em relação às mulheres. Com padrões associativos exigentes e dispendiosos, que impediam muitas famílias de participar, o Clube acabava provocando um ressentimento entre os demais, que se sentiam segregados. Os clubes negros também auxiliavam na busca de empregos e de maior qualificação profissional para seus sócios, oferecendo cursos profissionalizantes e aulas para aqueles que não tiveram oportunidade e queriam estudar. O *Fica Ahi* contava com um time de futebol, sala de ginástica e grupos de danças; além disso, realizavam-se concursos para premiar “a mais bela negra” e a “miss mulata”, dentre outras, no sentido de mostrar que ser negro também é ser belo (LONER; GILL, 2009). Há a possibilidade de que o *Fica Ahi* tenha surgido de uma dissidência do clube *Chove Não Molha* – foram encontrados dois nomes em comum de membros atuantes nos anos iniciais de ambas as associações (SILVA, 2016).

No ano de 2017, a sede do clube ficou interditada para atividades rotineiras, em função de ampla reforma física realizada, especialmente no telhado e forros. Este processo de reforma física comprometeu parcialmente o trabalho que havia sido realizado por meio do primeiro projeto de extensão, pois resultou em alagamentos que inutilizaram vários documentos e equipamentos que vinham sendo utilizados para o seu tratamento (digitalização, inventário, constituição de acervo

digital, etc.). Porém, importa ressaltar, muito do que foi preservado da ocorrência de tais incidentes o foi justamente pelo cuidado que a equipe do primeiro projeto havia tido de acondicionar de forma adequada os documentos já inventariados. Dessa forma, além de dar continuidade ao que já estava sendo feito, o projeto agora apresentado precisará reencaminhar algumas ações relacionadas à constituição de acervos e memórias.

Uma das ações na qual estarei envolvida será a reconstituição do quadro de rainhas, princesas e outras personagens da corte do Clube, desde a sua constituição até os dias de hoje, o que resultará na recomposição de parte da memória da entidade. É sobre esta ação que irei discorrer.

2. METODOLOGIA

Para a realização da ação mencionada acima, será utilizado como metodologia a pesquisa documental no acervo do próprio clube, pois nos livros de atas, convites, correspondências, dentre outros documentos, refere-se o nome da corte do clube em anos específicos. Outra fonte documental possível, é o acervo de jornais na Biblioteca Pública e do Diário Popular, buscando-se reportagens onde eram noticiadas atividades do Clube que envolviam a escolha da corte (rainha, princesas, duquesinhas, etc.) em anos determinados.

Outra fonte possível serão as entrevistas e conversas com antigas associadas, direcionadas para o tema, de forma a mapear nomes da própria família, ou de outras famílias do Fica Ahi que fazem parte da rede de amizades, que ocuparam esses cargos nas cortes. Algumas entrevistas já foram realizadas pelo projeto anterior, embora não com a mesma finalidade, e já se sabe que há a disposição de muitos(as) entrevistados(as) de compartilhar fotografias dos bailes de rainhas ou de debutantes. Caso isso ocorrer, as fotografias serão digitalizadas (com posterior devolução) para compor o acervo de documentos do Clube.

Ressalta-se, que o que se busca é agregar dados para o próprio acervo do Clube, e visualiza-se, futuramente, a organização de uma exposição com os resultados desta pesquisa colaborativa. Outra intenção, já prevista no Projeto, é a realização de rodas de compartilhamento de lembranças com antigas associadas, tanto para coletar informações, como para retornar os resultados da ação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes mesmo da abolição, em 1888, a população negra já se organizava em associações que tinham como objetivo promover a sociabilidade e ações para auxiliar na libertação dos ainda escravizados. As irmandades foram a primeira forma de associativismo negro permitida pelas autoridades. A abolição não significou o fim do preconceito: as pessoas negras, agora livres, continuaram sendo relegadas às “margens” da sociedade, e novos dilemas se colocaram para os afrodescendentes no Brasil. Nesse sentido, os clubes sociais negros, no pós-abolição, podem ser tomados como a continuidade de uma experiência associativa anterior, permitindo acessar uma forma de diálogo com as demandas sociais enfrentadas por seus associados e associadas. Mesmo não ocupando cargos que as colocavam à frente das associações, as mulheres negras estiveram sempre presentes dentro destas e no movimento negro brasileiro em geral.

A discussão teórica se baseará na tese de Giane Vargas Escobar, intitulada “Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e

princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal *A Razão* (1960-1980)", defendida em 2017, na qual a autora traz uma vasta discussão sobre gênero e a mulher negra nos clubes sociais. A obra da antropóloga Sônia Giacomini, *A Alma da Festa*, em que analisa os significados da mulher negra nas diferentes fases da trajetória de um clube negro carioca, será outra referência importante a ser considerada.

As mulheres, no interior do associativismo negro, ocupavam papéis que a maioria das pessoas interpretava como subsidiário, considerado, pelos homens, como de menor relevância: realizavam atividades recreativas e de assistência social. Garantindo a continuidade dos clubes, o cuidado com o espaço físico e a participação das famílias negras nestes espaços construídos "pelos seus e para os seus", as mulheres negras tiveram atuação fundamental na constituição desses territórios negros no país (ESCOBAR, 2017; SILVA, 2016). Nos primeiros momentos dessas associações não havia um questionamento sobre a condição da mulher negra; os clubes sociais e o associativismo negro em geral tinham como objetivo inserir as mulheres negras na ordem vigente. O debate sobre gênero entra na pauta do movimento negro na década de 1970.

Em sua tese, Escobar relata que entrevistou dez Rainhas e Princesas do Clube Treze de Maio, eleitas entre os anos de 1960 e 1980, já com idade entre cinquenta e seis e setenta e um anos. Pontua que os relatos dessas mulheres constituem fontes preciosas e extremamente importantes para o entendimento e desenvolvimento de seu estudo. Atentando para a importância da memória afetiva, escreve:

Elas guardaram consigo as lembranças daquele lugar em que um dia namoraram, casaram, se separaram, enviuvaram ou até mesmo ficaram solteiras, contrariando o ideal de relação daquele período em que foram rainhas, cujo o "único destino" das moças "bem lançadas" era o casamento. (ESCOBAR, 2017, p. 205)

No *Fica Ahi*, o puritanismo recaia com maior frequência sobre as mulheres: aquelas que desviavam da conduta, imediatamente passavam por sindicância; os homens, no máximo, recebiam avisos para que tal comportamento não se repetisse. Mulheres que eram vistas acompanhadas de homens brancos eram recriminadas pelo clube, e o controle deste sobre o comportamento dos sócios era aceito pelas famílias associadas (SILVA, 2016). Além disso, apesar de haverem eleições anuais para definir os membros da diretoria, e de tais membros poderem revezar ou se manter nas mesmas funções, se mantinha uma diretoria com recorte de gênero, pois apenas os homens podiam concorrer e alcançar os cargos. A única exceção a esta regra ocorreu na década de 1990, quando houve uma gestão em que esteve à frente uma mulher.

As mulheres negras, mesmo tendo sido preteridas na direção destas organizações, mantinham atuação constante no interior destas, responsáveis por outros domínios nas atividades. Parte ativa na vida social dos clubes, elas transgrediam estes diferentes espaços mais específicos de sociabilidade, construindo uma história (ou um lado da história) repleta de especificidades. Assim, reconstituir a memória da participação feminina nesse tipo de organização é importante para ressaltar o quanto significativa foi e é a presença da mulher negra no associativismo, bem como para reconfigurar o imaginário popular sobre a relevância dos clubes sociais negros. Há outro grande desafio, que será tanto teórico como também parte do diálogo que se pretende estabelecer com essas mulheres. É o de

pensar em que medida a eleição das cortes femininas, assim como outros concursos de beleza negra que ocorriam nos clubes, podem ser tomados como a elaboração de narrativas alternativas sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira. Narrativas estas que se contrapunham à narrativa hegemônica, que situava como lugar adequado para essas mulheres ou o trabalho braçal (serviço doméstico) ou a objetificação sexual dos seus corpos.

4. CONCLUSÕES

A cidade de Pelotas possui uma formação histórica bastante racista e elitista. Devido ao contingente de (ex)escravos que trabalharam nas charqueadas e outros espaços produtivos, estes, após libertos, e seus descendentes, fizeram com que, hoje, grande parte da população da cidade seja negra. Ainda assim, bem como o Estado do Rio Grande do Sul, Pelotas sempre se alçou ao posto de uma cidade europeizada, de descendência principalmente portuguesa. A história da população negra, assim como suas manifestações expressivas e organizações políticas foram, e ainda são, pouco reconhecidas nas narrativas oficiais sobre a cidade.

Nesse sentido, a reconstituição de memórias negras é de suma importância para resgatar e exaltar histórias quase nunca ouvidas e valorizadas. Existem vários caminhos por onde podemos trabalhar junto à comunidade negra em busca dessa reconstituição: um deles, mais amplo, é a proposta geral do projeto de extensão aqui apresentado; outro, mais direcionado, é a ação em planejamento que pretende construir, de maneira participativa com antigos e novos associados e associadas do *Fica Ahi*, um histórico de rainhas e princesas do Clube, visando um produto que alcance a sociedade geral, e não apenas o meio acadêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESCOBAR, Giane Vargas. “**Para encher os olhos**”: Identidades e representações culturais das Rainhas e Princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal *A razão* (1960-1980). Publicada em 2017. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria.
- ESCOBAR, Giane Vargas; MORAES, Ana Luiza Coiro. Clubes sociais negros: memória e ações para o reconhecimento como patrimônio cultural afro-brasileiro. In: LOBATO, Anderson O. C.; PAIXÃO, Cassiane de Freitas. **Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Editora da FURG, 2016. Capítulo 1, p. 21-43.
- GIACOMINI, Sônia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.
- LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n.1, p. 145-162, 2009.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. Além da sociabilidade: identidade e racialização nos clubes sociais negros de Pelotas no pós-abolição (primeira metade do século XX). In: LOBATO, Anderson O. C.; PAIXÃO, Cassiane de Freitas. **Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Editora da FURG, 2016. Capítulo 2, p. 45-74.